

**NORMAN SIMS:**  
O "gentleman" amante da  
natureza e do jornalismo  
literário

NORMAN SIMS: the nature-loving  
gentleman of literary journalism

NORMAN SIMS: El "gentleman"  
amante de la naturaleza y del  
periodismo literario

Isabel Soares<sup>1, 2</sup>

#### RESUMO

Norman Sims foi o primeiro palestrante principal das conferências da International Association for Literary Journalism Studies. Tido como um dos maiores especialistas sobre jornalismo literário, é um nome basilar no que toca esse gênero. Porém, é também um homem multifacetado com uma paixão pela canoagem e pela escrita sobre a história da canoa no continente norte-americano. O seu legado tem influenciado várias gerações de pesquisadores e acadêmicos que se dedicam ao jornalismo literário, também denominado jornalismo narrativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Norman Sims; jornalismo literário, jornalismo, IALJS, Estados Unidos.

#### ABSTRACT

Norman Sims was the first keynote speaker of the conferences held by the International Association for Literary Journalism Studies. Renowned as one of the greatest specialists in literary journalism, his is an inescapable name when it

---

<sup>1</sup> Doutora. Investigadora Integrada no Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP), Grupo Sociedade, Comunicação e Cultura e Investigadora no Centro de Estudos Africanos (CEAF).E-mail: [isoares@iscsp.ulisboa.pt](mailto:isoares@iscsp.ulisboa.pt).

<sup>2</sup> Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade de Lisboa. Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP). Rua Almerindo Lessa - 1300-663 Lisboa, Portugal.

comes to that journalistic genre. He is also a man of multiple interests with a passion for canoeing and a writer about the history of North-American canoes. His legacy has influenced many generations of researchers and academics dedicated to the study of literary journalism, also known as narrative journalism.

**KEYWORDS:** Norman Sims; literary journalism; journalism; IALJS, United States of America.

#### **RESUMEN**

Norman Sims fue el primer orador principal de las conferencias celebradas por la Asociación Internacional de Estudios de Periodismo Literario. Reconocido como uno de los mejores especialistas en periodismo literario, el suyo es un nombre ineludible en lo que respecta a ese género periodístico. También es un hombre de múltiples intereses con una pasión por el piragüismo y un escritor sobre la historia de las canoas norteamericanas. Su legado ha influido en muchas generaciones de investigadores y académicos dedicados al estudio del periodismo literario, también conocido como periodismo narrativo.

**PALABRAS CLAVE:** Norman Sims; periodismo literario; periodismo; IALJS, Estados Unidos.

Recebido em: 16.06.2018. Aceito em: 19.08.2018. Publicado em: 08.10.2018.

Compared to the meat-and-potatoes dinner of standard journalism, literary journalism has always been nothing more than a salad or dessert. (SIMS, 2011, p. 85)<sup>3</sup>

### E foi assim que aconteceu

Estamos a 18 de maio de 2007, a Associação Internacional para os Estudos de Jornalismo Literário, ou International Association for Literary Journalism Studies (IALJS), reúne-se em Paris para a que seria a sua segunda conferência. Fundada no ano anterior na então Université de Nancy, atualmente Université de Lorraine, a IALJS nasceu da soma de boas intenções de um punhado de pesquisadores que, nesse ano de 2006, juntos para discutir a temática geral do jornalismo literário, crêem ter chegado o dia de este gênero híbrido, algures entre o jornalismo e a literatura, ter uma associação que se lhe dedique. Entre os fundadores estão John S. Bak, organizador da conferência inaugural e futuro primeiro presidente da recém-criada associação, John Hartsock, esse nome consagrado dos estudos do jornalismo literário, e David Abrahamson, editor da série histórica *Visions of the American Press*. Menos conhecidos, mas não menos entusiastas dos estudos em jornalismo literário, estão também o canadense da Ryerson University, Bill Reynolds, e duas portuguesas do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da então Universidade Técnica de Lisboa, atual Universidade de Lisboa, eu e Alice Trindade. Entre todos fundamos a IALJS e, nesse dia 18 de maio de 2007, um mês antes de eu enfrentar as provas públicas do meu doutoramento, contemplo a caminhada que nos levou de Nancy até Paris, ao prestigiado Institut d'Études Politiques ou, mais comumente, Sciences Po. Sentada na sala, escassos

---

<sup>3</sup> "Comparado com o jantar típico de carne e batatas do jornalismo convencional, o jornalismo literário nunca foi mais do que uma salada ou uma sobremesa (SIMS, 2011, p. 85, tradução nossa).

minutos depois de ter apresentado a minha comunicação, aguardo, com expectativa e curiosidade, as palavras do palestrante principal. Chama-se Norman Sims e, para nós acadêmicos e estudantes deste gênero jornalístico, um autor que é também um dos pioneiros da teorização do mesmo. A sua palestra chama-se “A Conversation About the Future of Literary Journalism” (“Conversa Sobre o Futuro do Jornalismo Literário”)<sup>4</sup>. Nessa altura, e nesse dia, estávamos longe de imaginar onde esse futuro nos iria levar e, certamente, nem o próprio Sims adivinharia que, passados poucos anos, seria um dos presidentes da IALJS.

Conheci Norman Sims, Norm, como ele se anuncia, nesse 18 de maio de 2007 e, sem o saber, estava a iniciar um percurso ao qual ele, indelevel e infatigavelmente, se juntaria até hoje e até sempre. Nas curiosidades da vida, conheci Norm em Paris de França, ele que é originário de Paris no Illinois, “uma cidade pequena, nada como a Paris real,” como me diz em entrevista para este perfil, um perfil que me honra escrever e que encaro na humildade do aluno perante o mestre.

### Em jeito de biografia

Norm Sims nasceu a 26 de janeiro de 1948 numa pequena cidade do denominado Midwest estadunidense. Pela coincidência do seu nascimento, os demógrafos incluem-no na primeira geração dos *baby-boomers* do pós-guerra, a geração que, fazendo 65 anos em 2011 e representando 77 milhões de norte-americanos (COLBY; ORTMAN, 2014, p. 2), é a faixa demográfica sobre a qual

---

<sup>4</sup> Uma versão desta palestra foi publicada em 2011 sob o título “The Evolutionary Future of American and International Literary Journalism” no livro *Literary Journalism Across the Globe* editado por John Bak e Bill Reynolds.

assentam os pilares da nossa contemporaneidade. Nesta linha de pensamento, Norman Sims é, diremos, uma das peças fundamentais para o estado-da-arte no tocante ao desenvolvimento dos estudos sobre jornalismo literário que tem vindo a ser mais formalmente teorizado desde que Tom Wolfe apresentou o seu *The New Journalism* em 1973, sobre o Novo Jornalismo da década de 1960. É fato incontornável que, quando nos embrenhamos no estudo do jornalismo literário, também tenhamos de “conversar” com o pensamento teórico exposto por Sims.

Porém, antes de se transformar no Norman Sims da academia e dos estudos jornalísticos, o jovem Norm teve, perdoe-se o uso pleonástico, um percurso a percorrer. Frequentou as escolas públicas da sua Paris do *Midwest* e gostava de Química e de esportes, destes mais, aliás, do que de aulas. A escola primária ficava a apenas um quarteirão de sua casa e deixou-lhe boas memórias, tal como as visitas que fazia à quinta da família e andar a cavalo. Não menosprezando as origens, entrou na universidade do seu estado-natal, a University of Illinois em Urbana-Champaign. Incapaz de se decidir de imediato pelo curso a seguir, cursou gestão e psicologia antes de enveredar pelo curso de jornalismo. Esta última decisão deveu-a, como revela, ao fato de se estar nos finais dos anos de 1960, “quando o mundo parecia estar em ebulição e os jornalistas tinham a oportunidade de experienciar e interpretar as notícias”<sup>5</sup><sup>6</sup>. Sims queria fazer parte desta “experiência” e o mundo, efervescente de acontecimentos como a Guerra no Vietnã, os movimentos pelos direitos cívicos,

---

<sup>5</sup> Do original dado em entrevista: “when the world seemed on fire and journalists had an opportunity to experience and interpret news”.

<sup>6</sup> Os dados transcritos agora e, subsequente, ao longo deste artigo e atribuídos a Norman Sims foram conseguidos através de concessão de entrevista escrita. Similarmente, dados atribuídos a informadores qualificados, quando não referenciados bibliograficamente na seção de Referências foram obtidos por meio de entrevista exclusiva para a elaboração deste perfil.

os assassinatos de Martin Luther King e de Robert Kennedy, ou a emergência da cultura *pop* constituíam mananciais informativos prontos a serem interpretados, mais do que simplesmente divulgados jornalisticamente. Depois de concluída a primeira parte da sua educação superior, Norm mudou-se para a University of Illinois em Chicago, onde obteve o seu mestrado em História Americana antes de regressar a Urbana para o doutorado em Comunicação. Foi aí, no outono de 1974, que conheceria um amigo para a vida, John Pauly, presentemente professor emérito de Jornalismo e Estudos da Mídia na Marquette University, mas que, na altura, também iniciava o seu doutorado em Comunicação no Institute of Communications Research da Faculdade de Comunicação onde Sims estudava. É John Pauly que melhor caracteriza Norm como estudante pós-graduado dizendo que era muito respeitado por colegas e professores e que, sobretudo, se distinguia por ter uma escrita elegante e por possuir um conhecimento de História mais profundo do que os seus companheiros. Além disso, como Pauly faz questão de acrescentar, Norm era espirituoso e bem-humorado e demonstrava uma amplitude de interesses, para além da academia, que envolviam a natureza e a ecologia o que, para Pauly, crescido em Chicago no seio de uma família “que não acampava, remava ou percorria trilhas”<sup>7</sup>, era motivo de admiração.

É munido com um diploma em Jornalismo e Comunicação e um interesse quase voraz pela apreensão de um mundo em rápida transformação que o jovem Sims envereda pela carreira jornalística mal acaba a sua graduação. O seu percurso profissional inicia-se como repórter na delegação de Minneapolis,

---

<sup>7</sup> Uma família “that did not camp, paddle, or hike”.

Minnesota, da *United Press International*<sup>8</sup>. No entanto, esta incursão no mundo do jornalismo profissional cedo o desencantou. Por um lado, como refere, achou o trabalho “desinteressante e rotineiro”. Por outro, considerava que os jornalistas deveriam ocupar-se mais em fazer reportagens e escrever, oportunidade que não via desenvolver-se para si na *United Press International*. Ademais, como confessa, o Minnesota no inverno foi o sítio mais gélido em que alguma vez viveu. Passados poucos anos regressou à universidade, primeiro em Chicago, depois em Urbana, para continuar a sua educação.

Desapaixonado pelo trabalho nas redações da *United Press International*, Sims usa os tempos livres para ler o mais que podia e foram essas leituras que o encorajaram a regressar à academia. Isso e o fato de ter contactado um dos seus professores favoritos enquanto estudante de graduação. É aqui que James Carey entra na sua vida.

James W. Carey (1934-2006) foi um dos mais renomados teóricos da comunicação norte-americanos do século XX, tendo desenvolvido carreira académica na University of Illinois e, mais tarde, na prestigiada Columbia University, uma das instituições da famosa Ivy League<sup>9</sup>. O vigamento conceitual da teoria da comunicação de Carey encontra-se vertido no seu livro seminal *Communication as Culture: essays on media and society* (1989), no qual explora o impacto cultural que teve, em termos da evolução comunicacional, o fato de a mensagem ter podido deslocar-se mais rapidamente do que o fisicamente permitido pela mobilidade humana a partir da invenção do telégrafo. Neste

---

<sup>8</sup> United Press International (UPI), agência noticiosa internacional fundada em 1907 e concorrente da Associated Press.

<sup>9</sup> Conjunto de oito universidades privadas, consideradas de topo nos Estados Unidos e referência a nível mundial. Além da Columbia University, a Ivy League inclui, entre outras, as reputadas universidades de Harvard e Yale.

sentido, Carey postula que os meios de comunicação modernos alteraram drasticamente os termos da experiência e da consciência, das estruturas de interesse e da própria sensação de se estar vivo, de ter um relacionamento social (CAREY, 1989, pp. 1-2).<sup>10</sup> “the ordinary terms of experience and consciousness, the ordinary structures of interest and feeling, the normal sense of being alive, of having a social relation” (CAREY, 1989, pp. 1-2). Ou seja, o avanço tecnológico na comunicação teve consequências sociais e culturais profundas para a vida humana e em comunidade.

Sims conhecia Carey como docente de um seminário intitulado “Processes and Systems of Communication”, um título “horível”, como nos diz, que tinha o condão de reduzir as inscrições na classe de Carey, mas que era obrigatório para as graduações em jornalismo e, atente-se, *design* gráfico. Assim, quando decidiu que queria fazer um doutoramento, Sims contactou o seu antigo professor, pedindo-lhe para ser seu supervisor. Carey concordou, mas sob uma condição: teria de aprofundar os seus conhecimentos de História e ir fazer um mestrado em outro local. Sims obedeceu e partiu para Chicago. Após cumprir a missão, regressa a Urbana para fazer a sua tese sob supervisão do professor que o imbuíu da consciência dos aspetos sociais do jornalismo.

Referindo-se um pouco à biografia do seu mentor, Sims conta que Carey era de ascendência irlandesa, tendo crescido imerso num meio cultural irlandês em que o contar de histórias era uma constante. Em pequeno, um problema cardíaco impediu-o de frequentar a escola e, por isso, até ao nível secundário, foi educado em casa por tutores. Crescendo entre os bares e restaurantes do

---

<sup>10</sup> Do original: “the ordinary terms of experience and consciousness, the ordinary structures of interest and feeling, the normal sense of being alive, of having a social relation” (CAREY, 1989, pp. 1-2).



seu bairro irlandês em Rhode Island, onde frequentemente ouvia discutir-se temas tão pródigos como literatura, poesia, política, sociedade ou justiça, Carey não podia deixar de ser influenciado por essa cultura de partilha de conhecimento e de histórias pelo que, tanto como acadêmico como administrador universitário, teve sempre uma grande consciência do valor da tradição oral mesmo no mundo moderno dominado pela imprensa e pela mídia. Carey interessava-se pelo valor simbólico do jornalismo na vida quotidiana e lançou muitos acadêmicos na busca da história cultural do jornalismo. Sims seria um deles, tendo defendido uma tese intitulada “The Chicago Style of Journalism” sobre o jornalismo de Chicago durante a era de 1890 a 1920.

Para o seu trabalho de doutorado, Sims adotou uma perspectiva histórica do jornalismo partindo do pressuposto, sugerido por Carey, que existiam importantes aspectos sociais no panorama jornalístico de Chicago dos finais do século XIX e princípios do século XX que ainda não tinham sido qualitativamente estudados. Para reunir dados, Sims proveu-se de diários, cartas, memórias e realizou entrevistas a jornalistas ainda vivos que lhe pudessem fazer uma ponte com o passado que estava estudando. Analisando os jornais de grande circulação na Chicago do fim de século, Sims percebeu que existiam diferentes reações em relação à questão da factualidade, que, naquela altura, ainda não se chamava “objetividade”. De um lado, os editores reduziam os fatos noticiosos a fórmulas e, do lado oposto da discussão estavam os repórteres que, em muitos casos, tinham enveredado pelo jornalismo porque queriam uma carreira na escrita. Estes insistiam no valor humano da história. Nomes como Finley Peter Dunne (1867-1936), George Ade (1866-1944) e Ben Hecht (1894-1964) chegaram ao jornalismo para contar histórias e encontraram

refúgio no espaço que começava a despontar na imprensa, a coluna. Aproveitando as 700 a 1500 palavras que ocupavam as suas colunas assinadas, escreviam o que hoje se designa por histórias de interesse humano. Dunne escrevia sobre a comunidade irlandesa de Chicago, Ade sobre as emergentes classes médias e, posteriormente, Hecht sobre a vida urbana que, frequentemente, via desenrolar-se nas ruas e bairros que percorria. Em suma, na sua tese de doutorado, Sims já analisava os primórdios do jornalismo literário, o jornalismo que resiste a fórmulas estanques que aprisionem a objetividade, centrando-se no papel desempenhado pelo jornalismo e pelos jornalistas de Chicago da virada do século XIX e alvares do século XX.

Do jornalismo profissional, Norman Sims passa para o palco acadêmico que viria a ser a sua carreira. Olhando retrospectivamente, recorda que nutria a esperança de que a universidade fosse geradora de debates francamente transdisciplinares. Nesses primeiros tempos em que, como novato no ofício, se sentia “confuso, a trabalhar demais e mal-pago”<sup>11</sup> também percebeu que, por vezes, a competição por fundos, recursos, promoções torna o diálogo interdisciplinar difícil. No entanto, ao longo da sua vasta carreira confessa com apreço que encontrou copioso debate em alguns departamentos universitários e em associações como a IALJS. Agora, já mais afastado da academia, como professor emérito da University of Massachusetts, e menos sobrecarregado com responsabilidades de ensino e investigação, diz ter uma visão menos idealizada da Universidade e acredita que a grande capacidade desta instituição é a sua perenidade, a resiliência que a sustem década após década e que, apesar das contrariedades, o seu trabalho é altamente meritório e louvável.

---

<sup>11</sup> Do inglês “dizzy, overworked, underpaid” (tradução da autora).

Antigo jornalista e acadêmico de referência, há, ademais, uma outra e mais privada faceta de Norm Sims, a de canoísta. Fiquei sabendo da sua paixão por canoagem quando um dia lhe disse que ia visitar o Grand Canyon. Deu-me sugestões para passeios de caiaque. Pensei que se tratasse apenas de um *hobby* como tantos que todos temos. No entanto, no caso de Sims, o *hobby* é desenvolvido com verdadeiros requintes de profissional. Em 2016, publicou, com Mark Neuzil, um livro sobre a história da canoa na América do Norte e a sua importância cultural, social, econômica e comunicacional no continente. Com prefácio de John McPhee, vencedor do Prêmio Pulitzer em 1999 pela obra de não ficção *Annals of the Former World*, o livro chama-se *Canoes: A Natural History in North America* e foi publicado pela University of Minnesota Press. Vem desde a faculdade este entusiasmo e Sims tanto se sente à vontade a fazer *raftings* em corredeiras ou a remar em rios calmos. Na verdade, como diz, dêem-lhe um bom livro de não ficção ou uma canoa para remar e essas são as suas ideias de um dia bem vivido. John Pauly diz do amigo que sempre esteve disposto a correr riscos e a explorar, que viajou por todo o mundo e que remou nos rios mais desafiantes dos Estados Unidos. Aliás, o seu amor pelos grandes espaços abertos contagiou Pauly, já que foi Norm que o iniciou nos prazeres da vida ao ar-livre, dos acampamentos e da canoagem. Quando pergunto a Pauly o que o terá encantado em Norm e vice-versa para que tenham desenvolvido uma amizade de décadas, responde que talvez tenha sido a “curiosidade pelo outro”, já que eram muito diferentes. Norm era um excelente corredor, Pauly praticava boliche, Norm crescera numa propriedade rural, Pauly numa cidade multiétnica como Chicago. Eram, no entanto, igualmente medíocres a jogar *softball* – variedade de beisebol jogado com bola maior e mais macia – na

equipe da faculdade e, como Pauly enternecidamente confessa sobre o amigo, “as nossas diferenças sempre foram mais unificantes do que divisivas”<sup>12</sup>.

David Abrahamson, unido a Sims por uma amizade de mais de duas décadas e interesses acadêmicos comuns nos estudos do jornalismo literário e na IALJS, também atesta o interesse de Sims pelo mundo natural. Por coincidência, nos anos de 1980 e 1990, ambos fizeram parte do Appalachian Mountain Club, uma instituição ambiental sem fins lucrativos com sede na Nova Inglaterra. De Sims, não temos, portanto, apenas a faceta do acadêmico reconhecido e respeitado. Por detrás do cientista social está também alguém profundamente dedicado ao mundo da natureza, alguém que estabelece pontes entre as margens do rio que divide o social do natural.

### Sims e o jornalismo literário

O fascínio pelo “outro” jornalismo capaz de contar uma história foi o que aproximou Sims do jornalismo literário. Ao preparar a sua tese de doutoramento notou o conflito entre dois modos de encarar o jornalismo, um privilegiando a objetividade e a fórmula, o outro preferindo a arte da escrita e o valor humano da história a relatar. Ao mesmo tempo que Sims desenvolvia os seus estudos sobre o jornalismo em Chicago e esta bifurcação que lhe parecia existir na era entre 1890 e 1920, a sua baliza temporal sob escrutínio, Michael Schudson, também aluno de Carey, observava o mesmo fenómeno no jornalismo nova-iorquino. Schudson, como sabemos viria a ser outro dos teóricos fundamentais do jornalismo, conhecido pela sua obra *Discovering the*

---

<sup>12</sup> Do inglês: “our differences always proved companionable rather than divisive” (tradução da autora).<sup>12</sup>

*News: A Social History of American Newspapers* (1978) e pelo seu entrelaçar entre os estudos sociológicos e jornalísticos. Ora, em *Discovering the News*, Schudson divide a contenda jornalística entre dois modelos de jornalismo: o da informação e o da história (SCHUDSON, 1978, p. 89). Sims via este mesmo modelo em Chicago e, para si, esta distinção ainda continua válida.

Quando se tornou professor auxiliar na University of Massachusetts em Amherst no ano letivo de 1979-1980 conheceu jornalistas contemporâneos como Mark Kramer e Tracy Kidder que tinham sido influenciados pelo Novo Jornalismo e que pareciam a Sims estar a fazer algo semelhante ao que ele identificara no jornalismo de Chicago que estudara para a tese. Começou a entrevistá-los e em breve percebeu que desenvolviam um jornalismo com muito em comum não só com o Novo Jornalismo, mas também com os jornalistas da virada do século e outros como Ernest Hemingway, Martha Gellhorn, John Dos Passos, Lillian Ross, Joseph Mitchell e John McPhee. Imbuído de vontade de continuar a pesquisar sobre este “novo” jornalismo, publica, em 1984, uma antologia com textos em que inclui, além de McPhee, Kidder, Mark Kramer, Joan Didion e Tom Wolfe, entre outros. A antologia chamava-se *The Literary Journalists* e, após a sua publicação, muitos escritores-jornalistas ou jornalistas-escritores vieram dizer-lhe que, graças ao seu livro, entendiam agora fazer parte de uma comunidade de escritores que até aí nunca tinham reconhecido existir. Na verdade, questionado sobre a influência que o trabalho de Sims possa ter tido na sua carreira, Ted Conover, prestigiado jornalista literário, vencedor em 2000 do National Book Critics Circle Award pelo seu livro de não ficção *Newjack: Guarding Sing Sing*, diz que Norm o ajudou a conhecer e contatar com escritores deste gênero jornalístico-literário em que também se localiza e que considera seus pares. Ademais, acrescenta que Norm levou a sua

escrita a sério e o encorajou a continuar nessa senda. Em 2008, Conover assinaria o preâmbulo do novo livro de Sims, *True Stories: a century of Literary Journalism*. A essa altura, Sims já era, nas palavras de Conover, um editor e um acadêmico de reconhecida estatura e um profundo conhecedor da literatura da não ficção pelo que, foi como privilégio e honra que aceitou ao convite de Sims para redigir o prólogo de *True Stories*.

Aliás, enfatizando o gosto de Sims por correr riscos, John Pauly entende que Sims “mergulhou” numa área de estudos, o jornalismo literário, que ainda não tinha sido definida, apresentou-se aos seus praticantes nos Estados Unidos a fim de melhor compreender o gênero e percebeu, desse modo, as nuances éticas e de estilo requeridas a esta forma de jornalismo. Em *True Stories*, o próprio Sims diz, não só biograficamente, mas sobre a ética subjacente ao jornalismo literário, que entrevistara jornalistas literários desde 1981 a propósito desse seu jornalismo. Nessas entrevistas, nenhum deles alguma vez afirmou ser ético inventar fosse o que fosse. A precisão, era, para eles, o requisito fundamental (SIMS, 2007, p. 2).<sup>13</sup> “Since 1981, I have been interviewing literary journalists about their craft. Not one of those writers ever said it was all right to make up anything. Accuracy is the foremost requirement for them” (SIMS, 2007, p. 2). Para Pauly, Sims ajudou-nos a nomear e a explicar as contingências do jornalismo literário pois, até aos seus estudos, nunca tinha existido um termo que se adequasse ao tipo de reportagem profunda e de natureza etnográfica pela qual Sims se interessava. Até aí, os acadêmicos literários estadunidenses olhavam para o gênero como uma forma menor de escrita, denominando-o não ficção ou, igualmente redutor, não ficção criativa, e

---

<sup>13</sup> Do original: “Since 1981, I have been interviewing literary journalists about their craft. Not one of those writers ever said it was all right to make up anything. Accuracy is the foremost requirement for them” (SIMS, 2007, p. 2).

os jornalistas consideravam-no uma forma de escrita ensaística ou, traduzido das palavras de Pauly, um estilo desnecessariamente floreado de escrita de revistas, em inglês “a needlessly wordy style of magazine writing”. Ou seja, até aos estudos alavancados por Sims, este gênero jornalístico era apreendido sob prismas que o secundarizavam quer face à literatura, quer face ao jornalismo. Sims teve o mérito de enobrecer e dar relevância ao gênero.

Alice Trindade, que conheceu Sims pessoalmente em 2007 aquando da sua palestra na segunda conferência da IALJS mas que já estava familiarizada com os seus estudos, afirma que foi o trabalho académico de Sims que lhe serviu de sustentação à elaboração da sua própria tese de doutorado, revelando, assim, a importância deste pensador. Como nos ressalva a propósito da elaboração da sua tese, em entrevista escrita que também me concedeu, sem obras como *Literary Journalism: a new collection of the best American nonfiction*, que Sims editou com Mark Kramer em 1995, dificilmente teria conseguido travejar teoricamente o seu trabalho. Simultaneamente, foi nas obras de Sims que também encontrou uma plêiade de autores que lhe abririam perspectivas para o próprio jornalismo literário em língua portuguesa.

Olhando para o hibridismo do jornalismo literário por residir num interstício entre a literatura e o jornalismo, Sims também se ocupou bastante com o que denominou de “the reality boundary” (SIMS, 2009, p. 11). Esta “fronteira da realidade” é o que ancora o jornalismo literário no campo macro do jornalismo e da factualidade para que, assim, as suas características literárias sejam entendidas como instrumentais ao gênero. Para Sims é importante localizar o jornalismo literário no lado da barricada em que se situa a realidade, por oposição à ficção. Desta feita: “O estudo do jornalismo literário [...] envolve os esforços de escritores dotados que falam sobre a realidade do



mundo tal como o vêem e que escrevem sobre pessoas localizadas no tempo e no espaço com nomes reais e vidas reais” (SIMS, 2009, p. 13, tradução da autora)<sup>14</sup>. Não se reconhecendo esta premissa não se pode falar de jornalismo literário e Sims sempre insistiu neste aspecto a fim de que não se acuse o jornalismo literário de aventuras pelo plano da fabulação, espaço primário da literatura da ficção.

Jornalistas, colegas ou estudantes, todos somos, de certa forma, beneficiários do estudo desenvolvido por Sims em prol do melhor entendimento do jornalismo literário, seja sob um prisma histórico ou contemporâneo, como forma jornalística ou, inclusivamente, artística e etnográfica. Os seus estudos ampliam o gênero da mesma maneira que o enobrecem. Como “estudante” das obras de Sims e como alguém que também aprendeu sobre jornalismo literário ouvindo as suas palestras na IALJS e, privilégio máximo, por discutir ideias com ele, testemunho a sua importância como “educador”. Este sentimento é, ademais, comprovado por David Abrahamson quando refere que em Sims reside a “alma de um professor verdadeiramente dedicado e amável”.

### **Com a International Association for Literary Journalism Studies**

Depois de apresentar a primeira palestra principal das conferências da IALJS, na segunda vez que as mesmas existiram, Sims tornou-se membro da associação, tendo sido seu presidente no mandato entre 2014 e 2016. Curiosamente, seria novamente em Paris (de França e não do Illinois) que se

---

<sup>14</sup> “The study of literary journalism [...] involves the efforts of skilled writers who speak about the reality of the world as they find it, and who write about people located in time and space with real names and real lives” (SIMS, 2009, p. 13).



deu a sua aclamação como presidente da associação, o que nos pode levar a pensar na série de coincidências que as geografias parisienses têm na vida de Norm.

O convite partiu de John Bak, presidente-fundador da IALJS, que ouvira de David Abrahamson, editor da *newsletter* da IALJS e seu presidente entre 2008 e 2010, além de fundador do seminário de jornalismo literário na Medill School of Journalism (Northwestern University), que era imperativo convidar-se Sims para uma conferência e para uma associação com nome de e devoção ao jornalismo literário. Naturalmente, tornava-se imperioso neste perfil que convocasse Abrahamson para melhor explicar o convite. A sua resposta merece registo pelo que revela de Norm. Refere Abrahamson:

[...] correndo o risco de embaraçar o Norm, eu esperava que ele fosse o primeiro palestrante principal da IALJS porque, além das suas credenciais acadêmicas brilhantes, ele é, claramente, um indivíduo carismático e de coração aberto. Eu tinha a certeza de que ele elevaria o padrão para outros futuros palestrantes.<sup>15</sup>

Com efeito, foram características académico-profissionais tanto como características pessoais e humanas que fizeram de Sims o pioneiro das palestras principais da IALJS. Abrahamson estava certo de que Norm importaria um selo de qualidade por comparação a futuras palestras e não se enganou.

Honrado, Sims aceitou o convite e é com respeito que olha para o trabalho desenvolvido na associação. Com efeito, quando lhe pergunto

---

<sup>15</sup> Do inglês: "At the risk of embarrassing Norm, I hoped that he would be the first IALJS keynoter because, in addition to his stellar academic credentials, he is clearly a quite open-hearted and charismatic individual. I was sure that at the rostrum he would set the highest standard for future keynoter speeches"(tradução da autora).

expressamente sobre o que mudou no panorama da investigação em jornalismo literário devido à existência da IALJS, Norm responde que existe agora uma sólida comunidade internacional de acadêmicos e críticos que era exatamente o que o seu supervisor, James Carey, considerava fundamental para se perceber a interação cultural do jornalismo com a sociedade. Carey não viveria para ver materializar-se a comunidade acadêmica corporizada pela IALJS, pois morreu no mês exato em que a associação foi fundada, maio de 2006. Porém, o seu pupilo seria um dos seus mais destacados membros.

Sobre a IALJS, Sims também atesta que a existência de uma associação internacional para o estudo do jornalismo literário tem permitido que se reconheça o heroísmo dos jornalistas literários. Como outros jornalistas, estes têm testemunhado de perto as carnificinas da história, basta lembrarmos do livro de John Hersey, *Hiroshima* (1946), com os relatos de sobreviventes do lançamento da primeira bomba atômica sobre o Japão. Contudo, os jornalistas literários também têm, como ressalva Sims, chamado a si a tarefa árdua de escrever sobre temas mais quotidianos, sobre família e memória ou sobre alegria e desespero sem reduzirem a escrita desses temas às fórmulas patententes no jornalismo denominado mais convencional. Aliás, Ted Conover reconhece a propósito que o jornalismo literário acrescenta, como diz, “carne e sangue” à exposição factual e acresce, ainda, uma sensibilidade literária às perguntas típicas da matéria jornalística: quem?, o quê?, quando?, onde?, porquê?, como?, o que tem o condão de cativar os leitores que busquem algo mais do que apenas a notícia.

Num tom mais informal e, digamos, confessional, Sims reconhece que a IALJS é um fórum de exceção para o estudo do jornalismo literário. Não só é uma associação amistosa nas suas discussões e na crítica que produz, como o

fato de ser relativamente pequena permite que os seus membros se conheçam e se tornem amigos. O que é bem verdade.

Há uma coincidência que partilho com Sims no que tem de memória histórica da IALJS. Na primavera de 2009, foi publicado o número inaugural da revista científica *Literary Journalism Studies*, um dos grandes feitos da IALJS. O editor desse número era John Hartsock, que o seria durante os anos seguintes até ser sucedido por Bill Reynolds. Ocorre que o primeiro artigo desse número tão simbólico era de Norman Sims e intitulava-se “The Problem and the Promise of Literary Journalism Studies” e o seu autor debruçava-se sobre o que traria aos estudos deste gênero a criação de uma associação como a IALJS, quais os desafios do digital e a importância de se abordar o jornalismo literário enquadrado por diversas, e distintas, tradições internacionais. Mais adiante no índice desse número inaugural constava um artigo intitulado “*South: where travel meets Literary Journalism*” assinado por alguém chamado Isabel Soares. É, creio, desnecessário o excesso verbal para dizer como me honra, e ainda surpreende, esta coincidência.

Seria durante a presidência de Norman Sims que se criou na IALJS o *Student Travel Fund*, um fundo que aloca financiamento para estudantes pós-graduados que se desloquem às conferências da associação. Ao assumir o cargo em Paris, na conferência realizada na American University, Sims expôs como seu encargo a criação de dispositivos dentro da associação que permitissem auxiliar estudantes a disseminar os seus trabalhos de pesquisa. Fundamental para Sims é que as novas gerações possam partilhar a sua investigação em ambientes acadêmicos em que exista reciprocidade na troca de conhecimentos e em que os mais jovens possam desassombradamente contatar os acadêmicos mais experientes. Tendo estado envolvido na redação dos

estatutos reguladores do *Student Travel Fund*, David Abrahamson concorda que Sims ajudou estudantes e jovens acadêmicos a encontrar um lar na IALJS. O *Student Travel Fund* veio, assim, imprimir na IALJS a marca das preocupações de Norm com o futuro do jornalismo literário. No ano seguinte ao término da sua presidência, a IALJS tomou, unanimemente entre os seus membros, a decisão de nomear em sua honra o prêmio para melhor trabalho apresentado na conferência anual da associação por um estudante. Nasceu, dessa feita, o Norman H. Sims Prize for Best Research Paper. Tendo participado na criação da IALJS e assistido em primeira mão ao seu desenvolvimento, posso dizer que é uma honra saber Norm entre os membros desta comunidade. Em jeito de confissão, também recorro a sensação de responsabilidade e humildade que senti ao suceder a um gigante na presidência da IALJS. Outra das coincidências que me ligam a Norm. Não é tarefa fácil suceder a gigantes...

### Que legado?, ou considerações finais

John Bak descreve Norman Sims como "o padrinho" do jornalismo literário. Quando lhe pergunto se o posso citar porque estou escrevendo este perfil, diz-me que sim, pois é assim que vê o papel de Sims em relação aos estudos do jornalismo literário. Por mim, chamo-lhe guru e quando o confronto com este meu entender, Sims responde "It hasn't been *that* long", não tem tanto tempo assim", carregando no *itálico* como que a demarcar-se desse estatuto. Diz apreciar o interesse suscitado pelo seu trabalho, mas cita de cor uma frase proferida perante uma vasta audiência em Boulder no Colorado por Hunter S. Thompson, o jornalista literário conhecido pela sua obra mais emblemática *Fear and Loathing in Las Vegas* (1971), na década de 1980: "Não se

fiem na minha palavra; vão descobrir por vocês mesmos”.<sup>16</sup> Ou seja, Sims, o “padrinho”, um dos “gurus” dos estudos sobre jornalismo literário, dá-nos asas para pesquisar e desbravar terreno de investigação nesta matéria. Para o futuro, Sims espera que os acadêmicos possam desenvolver os seus estudos com mente aberta, querendo tentar novos percursos que não estejam necessariamente circunscritos por disciplinas de hoje ou do passado. É esta a generosidade de Sims, a liberdade da investigação.

Já Ted Conover, que conheceu Sims num fórum sobre não ficção, organizado por este em Amherst nos idos dos anos oitenta ou noventa do século passado, e que o reencontraria mais tarde numa reunião de escritores de não ficção em Coral Gables na Flórida, considera que o legado de Sims reside em ter promovido o jornalismo literário a forma de arte e de ter empurrado as fronteiras das potencialidades da narrativa da não ficção. Por seu turno, quando questiono John Pauly sobre o que considera ser a herança deixada por Sims, destaca o ter conseguido determinar o valor do jornalismo literário como gênero maior e, por isso, permito-me a citação das suas palavras na entrevista escrita que me concedeu para este perfil. Rememorando, Pauly afirma:

Lembro-me de reunir com um grupo de profissionais locais em 1981 quando fui entrevistado para um emprego na University of Wisconsin-Milwaukee logo depois de o Norm ter deixado o seu emprego aí. Nenhum dos profissionais nessa mesa via muita conexão entre a escrita de John McPhee, Joe Mitchell, e de outros repórteres de Nova Iorque e o trabalho de outros profissionais dos média. Jornalismo literário pode não ser o termo perfeito para o que estudamos, e o seu significado pode ser mais claro nos Estados Unidos do que em outras tradições culturais. No entanto, genericamente, esse termo nos tem servido bem. Hoje encontramos maneiras de ensinar esses métodos

---

<sup>16</sup> Do inglês “Don’t take my word for it; go find it for yourself” (tradução da autora)”.

até em cursos de graduação nos estados Unidos e o Norm merece muito crédito por isso.<sup>17</sup>

Por outras palavras, tanto Conover como Pauly ressaltam nas contribuições de Sims para os estudos do jornalismo literário o modo como este impulsionou o gênero e o tornou reconhecido por mérito próprio e como afirmação artística nascida da intersecção literatura e jornalismo. Alice Trindade, por sua vez, olha para a contribuição de Sims sob a perspectiva exterior ao jornalismo literário americano para referir que sem a recolha empírica levada a cabo por Sims e o seu trabalho de campo, dificilmente se teria conseguido enformar teoricamente o estudo do jornalismo literário norte-americano e aplicar metodologias semelhantes para descobrir e categorizar outros autores a nível internacional. Ou seja, Sims abriu a senda metodológica-teórica da análise do jornalismo literário, garantindo, desse modo, a confiabilidade do estudo científico do gênero, o que permite a replicação do método em outras situações e *corpus*. Trindade historiciza a evolução dos estudos do jornalismo literário singularizando o aporte pioneiro de Sims, continuado, posteriormente, por autores como Tom Connery e a sua obra seminal *A Sourcebook of American Literary Journalism: Representative Writers in an Emerging Genre* (1992), ou como John Hartsock em *A History of American Literary Journalism: The Emergence of a Modern Narrative Form* (2000).

---

<sup>17</sup> Do original: "I remember meeting with a group of prominent local professionals in 1981 when I interviewed for a job at the University of Wisconsin-Milwaukee shortly after Norm had left his job there. None of the professionals at the table saw much connection between the writing of John McPhee, Joe Mitchell, and other New Yorker reporters and the work of newspaper reporters and broadcasters. Literary journalism may not be the perfect term for what we want to study, and its value may be clearer in the United States than in some other national or cultural traditions, but on the whole that term has served us well. We now find ways to teach some of those methods even to undergraduates in the United States, and Norm deserves a great deal of credit for that" (tradução da autora).

Quando perfilamos alguém que é um teórico fundamental do campo que estudamos, temos a tentação de procurar nas suas contribuições uma definição que caracterize esse mesmo campo de estudos. Uma das definições que Sims propõe para jornalismo literário encontramos-la em *True Stories*. É, talvez, a caracterização de jornalismo literário que uso mais recorrentemente, tanto que a sei de cor: “O jornalismo literário define-se como uma aproximação humanista à cultura quando comparado com o método mais científico, abstracto ou indireto da maior parte do jornalismo convencional” (SIMS, 2007 p. 12, tradução da autora).<sup>18</sup> No entanto, o curioso é que Sims afirma nunca ter tentado definir jornalismo literário. Ao invés, afirma ter descrito, isso sim, as condições e qualidades do jornalismo literário, a reportagem de imersão, a responsabilidade social e informativa deste gênero jornalístico, a questão da voz (do autor e do sujeito sob escrutínio), a procura de relações simbólicas. Não tentou a definição, pois isso, na sua perspectiva, exclui variantes do jornalismo literário que se encontram fora da definição da escola, predominantemente, norte-americana como é o caso da crônica, esse gênero ibérico-latino-americano permitido pelas línguas portuguesa e espanhola e tão disseminado no mundo latinoamericano (Cuartero, 2017, p. 20). Sims prefere que a definição de jornalismo literário evolua com o próprio jornalismo literário, e, aqui, mais uma vez, notamos a tal liberdade de pensamento que o caracteriza.

Outra questão que distingue o jornalismo literário de outras formas jornalísticas (e, inclusive, literárias) é a questão da voz autoral que tanto (pre)ocupa os estudiosos deste gênero. Sims dedicou-lhe também bastante

---

<sup>18</sup> Do inglês: “Literary journalism stands as a humanistic approach to culture as compared to the scientific, abstract, or indirect approach taken by much standard journalism” (tradução da autora).



atenção e, nesse aspeto, também permitiu a expansão de horizontes do mesmo quando escreve:

As fronteiras do jornalismo literário expandiram-se [...] para a literatura de viagens e a escrita memorabilista, formas que, tradicionalmente, permitem aos autores mais voz. A reportagem convencional esconde a voz do escritor mas o jornalismo literário dá a essa voz uma oportunidade para entrar na história, por vezes com grande dramatismo e ironia (SIMS, 1995, p. 3, tradução da autora)<sup>19</sup>.

Sintetizando, quando, no final do milênio passado, um departamento da Universidade de Nova Iorque lançou o Top 100 das melhores peças jornalísticas do século XX, Sims contou entre elas pelo menos 41 decididamente jornalístico-literárias o que, na sua perspectiva, seria suficiente para dizer, contrariamente à epígrafe neste perfil, que na virada do século se poderia afirmar que o jornalismo literário se tornou um prato principal e não apenas um acompanhamento (SIMS, 2011, p. 90). Olhando para a obra de Sims, poderemos constatar que foi também devido a ele que este gênero se elevou de “salada” ou “sobremesa” a “prato principal” do jornalismo e da literatura. A Sims, o amante dos espaços livres e do livre pensamento, resta-nos um “obrigada”.

### Agradecimentos

Este perfil não seria possível sem a realização de entrevistas a pessoas que, de uma forma ou outra, conhecem o sujeito ora perfilado. Em primeiro lugar, agradecimentos devidos a Norman Sims pela entrevista que me concedeu depois de mais de uma década de conhecimento mútuo. Em segundo

---

<sup>19</sup> Do inglês: The boundaries of literary journalism have been expanded [...] by travel writing and memoir, forms that traditionally allow writers more voice. Standard reporting hides the voice of the writer, but literary journalism gives that voice an opportunity to enter the story, sometimes with dramatic irony. (SIMS, 1995, p. 3)



lugar, e meramente por ordem alfabética, agradecimentos devidos a Alice Trindade, Universidade de Lisboa (Portugal); David Abrahamson, Northwestern University (EUA); John Bak, Université de Lorraine (França); Ted Conover, New York University (EUA); John Pauly, Marquette University (EUA).

### Referências

CAREY, James W. **Communication as culture: essays on media and society**. Nova Iorque e Londres: Routledge, 1989.

COLBY, Sandra L.; ORTMAN, Jennifer M. The baby boom cohort in the United States: 2012 to 2016, estimates and projections. **United States Census Bureau**, 2014, p. 1-16. Disponível em : <https://census.gov/content/dam/Census/library/publications/2014/demo/p25-1141.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CUARTERO, Antonio. **Periodismo narrativo (2008-2016): una nueva generación de autores españoles**. Tese de Doutorado. Málaga: Universidade de Málaga, 2017.

SCHUDSON, Michael. **Discovering the news: a social history of American newspapers**. Nova Iorque: Basic Books, 1978.

SIMS, Norman. **Literary Journalism: a new collection of the best American nonfiction**. Nova Iorque: Ballantine Books, 1995.

SIMS, Norman. **True stories: a century of Literary Journalism**. Evanston: Northwestern University Press, 2007.

SIMS, Norman. The Problem and the Promise of Literary Journalism Studies. **Literary Journalism Studies**, IALJS, nº1, 2009.

SIMS, Norman. The Evolutionary Future of American and International Literary Journalism. In BAK, John S.; REYNOLDS, Bill (eds.). **Literary Journalism across the**



revista  
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 6, Outubro-Dezembro. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6p43>

**globe:** journalistic traditions and transnational influences. Amherst e Boston:  
University of Massachusetts Press, 2011.